

## “ONZE DE MAIO”: MANIPULAÇÃO E CONTROLE DE MASSAS EM UMA ESCRITA ENGAJADA DE RUBEM FONSECA

Gabriela Nunes de Deus OLIVEIRA<sup>1</sup>  
Mestre em Letras/UFES  
Docente do IFC/Campus Camboriú

### RESUMO

O conto “Onze de Maio”, de Rubem Fonseca, retrata a vida de idosos em uma instituição assistencial, o Lar Onze de Maio. A história expõe as privações a que os idosos eram submetidos no asilo, situação conflituosa que desencadeia um motim liderado pelo narrador-personagem José. Considerando a temática abordada na narrativa – o controle e a manipulação de massas em um cenário de opressão –, este artigo analisa o conto fonssequiano, concebendo-o como literatura engajada, a partir do referencial teórico advindo de Jean-Paul Sartre (2004), bem como as contribuições teóricas de Jean Baudrillard (1972) e Theodor Adorno e Max Horkheimer (1985), acerca dos meios de comunicação de massa.

**Palavras-chave:** Narrativa brasileira contemporânea (Rubem Fonseca). Literatura Engajada. Manipulação e controle de massas.

### Introdução

Rubem Fonseca inicia sua produção literária, com a publicação da coletânea de contos *Os prisioneiros*, em 1963, período em que já era possível observar uma literatura urbana sendo produzida no Brasil, como salienta Karl Erick Schøllhamer: “a década de 1960 marca o início de uma prosa urbana arraigada na realidade social das grandes cidades e que, durante a década de 1970, encontra sua opção criativa no conto curto” (2009, p. 22).

Durante os anos de 1960 e 1970, o autor consagrou-se na literatura brasileira, publicando cinco livros de contos, sendo o último deles a obra *O Cobrador*, lançada em 1979. Tal coletânea, constituída por dez contos, é apontada por Ariovaldo José Vidal (2000, p. 23) como o livro em que se observa a maturidade do contista com relação à linguagem, à construção e aos temas das narrativas. Dentre os componentes dessa obra, está o conto “Onze de Maio”, que retrata a vida de idosos em uma instituição

---

<sup>1</sup> Endereço eletrônico: gabriela.oliveira@ifc.edu.br

assistencial, o Lar Onze de Maio. Escrita em primeira pessoa, a história é narrada por José, um dos internos do Lar, que relata as privações a que os idosos eram submetidos e as precárias condições de vida no asilo, situação conflituosa que culmina em um motim liderado pelo narrador-personagem.

O conto encena uma conjuntura social marcada pela segregação, à medida que os idosos, considerados “inativos”, são colocados às margens, confinados em um asilo, sendo esquecidos por seus familiares e pela sociedade. Como observa Renato Cordeiro Gomes (1999), o ambiente urbano é marcado por um alto grau de segregação humana, e, dessa forma, é notória a existência de fronteiras físicas e simbólicas entre os diferentes segmentos sociais que compõem uma sociedade estratificada segundo hierarquias rígidas. Em “Onze de Maio”, as fronteiras físicas e simbólicas entre os grupos sociais são claramente visíveis, gerando o confronto ao final da narrativa. Nesse conto, observa-se, pois, a presença de um aspecto recorrente na obra de Rubem Fonseca: um personagem marginalizado que busca mudar sua condição, valendo-se, se necessário for, da violência.

O rígido controle exercido pelo Lar sobre os internos é garantido com o auxílio de um veículo de comunicação de massa: a televisão. Se relacionarmos a realidade retratada no conto à realidade vivenciada pelos brasileiros no período em que a narrativa foi publicada – a ditadura militar –, podemos encontrar uma similitude entre ambas, uma vez que, na narrativa, os idosos são controlados e manipulados por uma instituição opressora e autoritária, representante de um Estado igualmente repressor, como se configurou o regime militar em nosso país. Tendo isso em mente, este artigo apresenta como proposta analisar o conto “Onze de Maio” como literatura engajada, de acordo com as postulações de Jean-Paul Sartre (2004). Para realizar tal empreendimento, ainda lançamos mão do referencial teórico proveniente de Jean Baudrillard (1972) e Theodor Adorno e Max Horkheimer (1985), acerca dos meios de comunicação de massa.

### **“Onze de Maio”: manipulação e controle das massas**

No início da narrativa, José apresenta a rotina do Lar: as refeições são realizadas nos diminutos cubículos nos quais os idosos são acomodados; cada cubículo é destituído de porta, sendo equipado com cama, armário, penico e televisão, que

permanece ligada durante todo o dia, transmitindo velhas novelas ininterruptamente. No asilo, os idosos são assistidos pelos “Irmãos”, funcionários que cuidam da alimentação e da saúde dos internos, garantindo também que eles cumpram as regras da instituição, que é administrada pelo Diretor Edmundo, “um homem gordo e jovem” (FONSECA, 1994, p. 554).

Observando-se o discurso oficial, defendido pelos Irmãos e por Edmundo, à primeira vista, sendo regido por um Regulamento “feito para proteger os internos, [...] elaborado por médicos e psicólogos para o bem de todos” (FONSECA, 1994, p. 554), nas palavras do Diretor, o Lar poderia ser considerado um ambiente agradável e salutar. Contudo, ao longo da narração, a imagem do asilo que vai sendo construída distancia-se da imagem que se poderia ter de uma casa de repouso para idosos: apesar de os Irmãos e o Diretor garantirem que os internos recebem o melhor tratamento possível, ali não há prazer, conforto, ou recreação saudável, à medida que os internos não têm assistência médica, vivem em um local com más condições de higiene, sendo mal alimentados, como se queixa José: “A comida. Não é boa e me parece pouco nutritiva. [...] Sopas ralas [...]” (FONSECA, 1994, p. 554).

De forma geral, os internos estão confinados no asilo contra sua vontade, não sendo visitados por familiares. Esse é o caso de Cortines, ex-professor de educação física, que afirma: “Meu azar [...] foi ser incapaz de lidar com os membros da hierarquia superior da administração esportiva. Então me colocaram aqui, para ir apagando como uma lâmparina. Mas vou ficar muito tempo aceso” (FONSECA, 1994, p. 556). Para manter-se “aceso”, resistindo ao destino que lhe tinha sido imposto, Cortines praticava diariamente exercícios físicos em seu cubículo, o que lhe conferia uma aparência sadia, diferente da dos demais internos do Lar.

O narrador-personagem, professor de história aposentado, mostra-se descontente com sua atual condição de vida, assim como Cortines, declarando: “Foi um absurdo terem me aposentado. Foi tudo tão de repente. Eu ainda poderia ter ensinado durante muitos anos” (FONSECA, 1994, p. 562). Cortines e José, ao usarem construções frasais como “me colocaram aqui” e “terem me aposentado”, evidenciam o estado de passividade em que se encontram não só eles, mas todos os internos do asilo. Nessa condição passiva, os idosos se submetem ao Regulamento da instituição: todos devem respeitar os horários de alimentação e descanso, evitando interagir uns com os outros

em qualquer situação e realizando as poucas refeições no quarto, onde devem passar a maior parte do tempo, assistindo à televisão. Esse ambiente, aliado ao fato de os idosos não quererem estar ali, propicia a eles um sentimento, cada vez maior, de solidão e abandono, levando todos a morrerem de fome e tristeza, o que explica a rotatividade dos internos, monitorada secretamente por José (FONSECA, 1994, p. 560).

O lazer oferecido aos idosos resumia-se aos poucos momentos ao ar livre e ao principal passatempo do asilo, a televisão, apresentada como aparelho ideal para a recreação e instrução dos internos, como afirma um dos Irmãos: “Televisão é uma coisa muito boa, distrai, educa, eu se pudesse via televisão o dia inteiro, como vocês” (FONSECA, 1994, p. 561). Entretanto, assistir à televisão durante o dia inteiro não era uma opção para os internos, na verdade eles não tinham alternativa: “Não há meio de desligar a maldita televisão. O aparelho é ligado e desligado por controle remoto do mesmo lugar de onde a imagem é transmitida” (FONSECA, 1994, p. 553).

Observa-se, desse modo, que a televisão tem um papel central na narrativa, porém, mais uma vez, ao contrário do que o discurso institucional deixa transparecer, o aparelho televisivo não é um simples meio de entretenimento e informação, funcionando mais como um mecanismo para se manter o controle no Lar. Veja-se, por exemplo, o seguinte trecho do conto, em que José questiona um dos Irmãos a respeito do destino dos mortos no asilo:

Perguntei a um dos Irmãos, não me lembro o nome, eles são todos iguais e nunca ficam muito tempo na mesma ala, o que faziam com o corpo dos que morriam. Ele ficou muito surpreso com a pergunta. E desconfiado.

Como? O que você quer dizer com isso?

Muitos aqui não têm família ou se têm os parentes não se interessam por eles, quase ninguém recebe visitas. Na nossa ala só o Baldomero foi visitado pela filha, e assim mesmo uma vez só. Quando morrem tenho a impressão de que o desinteresse continua, e como disse, muitos não têm parentes, e assim...

Assim o quê?

Quer dizer, estou pensando no meu caso, eu não tenho ninguém, se morrer quem vai me enterrar?

O Irmão pareceu aliviado.

O Instituto, é claro. As despesas correm por conta do Instituto, não se preocupe com essas coisas. Vamos, vamos, *veja televisão, divirta-se, não fique aí imaginando coisas tristes, preocupando-se à toa.* (FONSECA, 1994, p. 557, grifos nossos)

Ao mostrar-se desconfiado com as perguntas de José e insistir para que o narrador-personagem fosse assistir à televisão, o Irmão parece querer afastar do interno uma postura questionadora, objetivando mantê-lo naquela mesma atitude passiva observada anteriormente. Essa atitude é condicionada pelo discurso oficial do Lar, sendo alcançada com o auxílio do aparelho televisor, veículo de comunicação por intermédio do qual se pode exercer grande controle sobre massas, conforme apontam Theodor Adorno e Max Horkheimer (1985) ao analisarem a indústria cultural na década de 1940. De acordo com esses autores, no pós-guerra, meios de comunicação, como o cinema e o rádio, não mais se apresentam como arte, e nem precisam fazê-lo, já que se configuram claramente como produtos utilizados para propagar e legitimar uma ideologia que privilegia a produção capitalista e garante a submissão das massas a essa ideologia (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 100). Para garantir o controle sobre os consumidores, é essencial, para os mecanismos da indústria cultural, proporcionar a diversão:

A indústria cultural permanece a indústria da diversão. Seu controle sobre os consumidores é mediado pela diversão [...]. Divertir significa sempre: não ter que pensar nisso, esquecer o sofrimento até mesmo onde ele é mostrado. A impotência é a sua própria base. É na verdade uma fuga, mas não, como afirma, uma fuga da realidade ruim, mas da última ideia de resistência que essa realidade ainda deixa subsistir. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 112-119)

O “esquecer o sofrimento”, mencionado pelos teóricos, pode ser remetido à condição dos internos do Lar Onze de Maio, que deveriam “divertir-se” com a televisão, deixando de pensar em “coisas tristes”, alheando-se de sua realidade e aceitando sua situação, o que os mantinha sob o controle institucional.

À proporção que os internos não podiam estabelecer contato uns com os outros, sendo obrigados a interagir apenas com o aparelho televisor, era-lhes tirado o direito à palavra, aspecto que nos remete às concepções de Jean Baudrillard (1972), para quem os meios de massa, com destaque para a televisão, ao retirar de cena a palavra, vêm eliminar a comunicação:

O que caracteriza os *media* de massa é que eles são antimediadores, intransitivos, fabricam não comunicação – se aceitarmos definir a comunicação como uma troca, como um espaço recíproco de uma palavra e de uma resposta, portanto, de uma responsabilidade –, e não uma responsabilidade psicológica e moral, mas uma correlação pessoal de um com outro na troca. Por outras palavras, se definirmos como algo diferente da simples emissão/recepção de uma informação, mesmo que essa fosse reversibilizada pelo *feedback*. Ora, toda arquitetura atual dos *media* se funda nessa última definição: eles são o que proíbe para sempre a resposta, o que torna impossível qualquer processo de troca (a não ser sob a forma de simulação de resposta, elas próprias integradas no processo de emissão, o que não altera em nada a unilateralidade da comunicação). Aí reside sua verdadeira abstração. É nessa abstração que se funda o sistema de controle social e de poder. (BAUDRILLARD, 1972, p. 217)

Como elucida Baudrillard, a troca da palavra é impossibilitada com os meios de massa, estabelecendo-se uma comunicação unilateral, uma “não comunicação”. Na narrativa fonsequiana, aproveitando esse aspecto inerente a esses meios, os dirigentes do Lar asseguravam o bom funcionamento do instituto forçando os internos a se inserirem constantemente nessa não comunicação, por intermédio dos aparelhos televisivos. Isso, associado ao uso de sedativos, sustentava o sistema de poder sobre os idosos, que, dopados pelos remédios, eram, também, inebriados pela programação da televisão, que inundava todo o ambiente: “Os velhos são surdos e as televisões são colocadas em volume muito alto. Como é um programa único, o som é envolvente, brota de todos os cantos, mas isso não impede que os internos durmam logo que entram no seu cubículo e olham a tela por alguns minutos” (FONSECA, 1994, p. 558).

Nota-se, portanto, que a televisão constitui-se, no texto, como instrumento alienante, por meio do qual se opera a dominação e o controle social, a serviço da ordem de uma instituição que representa, em última instância, o governo do país. Nos trechos em que justifica a situação dos internos no instituto, o Diretor do Lar mostra-se claramente como representante do discurso do Estado. Acerca da alimentação oferecida aos idosos, por exemplo, ele afirma: “É a mesma comida que se come nos quartéis, nas fábricas, nas escolas, nas cooperativas, nos ministérios, em todos os lugares. O país atravessa uma situação difícil. O senhor acha que os aposentados devem comer melhor do que aqueles que produzem?” (FONSECA, 1994, p. 554). Nesta outra passagem, quando José continua afrontando o poder da instituição com suas colocações, mais uma

vez, o Diretor adota um discurso similar ao discurso que seria expresso pelo governo do país:

Baldomero estava morrendo de fome e tristeza como todos nós aqui, digo.

Fome? Fique sabendo que a nação gasta uma parte substancial de seus recursos com inativos idosos. Se quiséssemos manter todos os aposentados bem alimentados e felizes, através de custosos programas de medicina preventiva, de terapia ocupacional, de recreação e de lazer, todos os recursos do país seriam consumidos nessa tarefa. O senhor não sabe que o país atravessa uma crise econômica das mais graves em toda a sua história? Já fomos um país de jovens e aos poucos estamos nos tornando um país de velhos. (FONSECA, 1994, p. 560)

No texto, portanto, o Diretor é o representante máximo do controle das massas com o fim de evitar uma reação ao poder constituído. Em ambas as suas falas, evidencia-se a lógica de um sistema que tenta marginalizar, excluir da participação plena da vida social aqueles que não mais podem se inserir no eixo de produção capitalista – os “inativos”, indivíduos que o Estado e a sociedade rejeitam. A esses inativos restam os locais de reclusão, em que devem se contentar com o mínimo que lhes é oferecido, mesmo que as condições sejam subumanas, como as encontradas no Lar Onze de Maio.

Contrariando o que era esperado pelos dirigentes do Lar e, por extensão, pelo Estado e pela sociedade, José adota uma postura mais crítica e ativa perante sua realidade, passando a perceber a estrutura de controle e subjugação montada sobre os internos do instituto. O protagonista, com sua perspectiva de historiador, analisa o contexto no qual, contra sua vontade, havia sido inserido, compreendendo que tudo ali – o fato de serem alojados em cubículos sem portas e de não poderem interagir uns com os outros, as novelas reproduzidas ininterruptamente nos aparelhos televisores, o “cuidado” dos Irmãos com a saúde dos idosos – constituía-se como ato de cerceamento da liberdade dos internos: “[...] somos muito vigiados pelos Irmãos. Sempre que percebem que internos estão conversando em algum banco eles se aproximam com algum pretexto, como saber da nossa saúde, ou falar do tempo, mas o que objetivam é descobrir do que estamos falando” (FONSECA, 1994, p. 565). Assim, o narrador-

personagem resolve não se submeter mais à manipulação do instituto e mobilizar outros internos – Pharoux e Cortines – para lutar contra esse sistema.

A revolta de José, Pharoux e Cortines não se dirige apenas contra o Lar, mas, sobretudo, contra a sociedade de forma geral, já que os personagens reconhecem como responsáveis por sua condição a “sociedade corrupta e feroz, [...] um sistema iníquo que força milhões de seres humanos a uma vida parasitária, marginal e miserável” (FONSECA, 1994, p. 565). Representando esse “sistema iníquo” que lhes oprime, paira o Estado, instância última contra a qual os personagens se voltam.

Se considerarmos a época na qual o conto “Onze de Maio” foi publicado – final dos anos 1970, período em que o Brasil estava sob o regime militar antidemocrático – podemos estabelecer um paralelo entre a situação vivenciada pelos internos do Lar e a realidade opressora experimentada pelo país; portanto, pelos leitores da obra fonsequiana no período de publicação do conto. A fim de estabelecer essa relação entre ambas as realidades, é necessário se observar o que atesta Jean-Paul Sartre (2004) sobre o escritor de literatura e seu leitor. De acordo com esse teórico, o autor e o leitor são instâncias que devem ser compreendidas a partir de sua *historicidade*: “[o leitor] tampouco paira acima da história: está engajado nela. Os autores também são históricos [...]. Entre esses homens mergulhados na mesma história e que contribuem do mesmo modo para fazê-la, um contato histórico se estabelece por intermédio do livro” (SARTRE, 2004, p. 57). Assim, a literatura também se fundamenta na historicidade, e o autor sempre parte dessa categoria ao escrever seus livros.

Ponderando tais ideias, ao nos voltarmos para o conto em análise, podemos perceber que, escrevendo em um contexto ditatorial, caracterizado pelo cerceamento da liberdade, e retratando em sua obra um Estado cujas instituições impõem autoritariamente suas regras às pessoas, com o auxílio de veículos de massa, Rubem Fonseca oferece aos leitores a possibilidade de refletir sobre a forma como a sociedade se constitui e se organiza. É nesse sentido que se pode considerar o conto “Onze de Maio” como literatura engajada, que confere à sociedade formas de se pensar e se repensar:

Se a sociedade se vê, e sobretudo se ela se vê *vista*, ocorre, por esse fato mesmo, a contestação dos valores estabelecidos e do regime: o

escritor lhe apresenta a sua imagem e a intima a assumi-la ou então a transformar-se. E de qualquer modo ela muda; perde o equilíbrio que a ignorância lhe proporcionava, oscila entre a vergonha e o cinismo, pratica a má-fé; assim, o escritor dá à sociedade uma *consciência infeliz*, e por isso se coloca em perpétuo antagonismo com as forças conservadoras, mantenedoras do equilíbrio que ele tende a romper. (SARTRE, 2004, p. 65, grifos do autor)

Como se pode notar, para Sartre, o trabalho do escritor envolve o proporcionar à sociedade à qual se dirige uma consciência de si mesma, apresentando-lhe sua imagem. A imagem exposta no conto “Onze de Maio” reflete uma sociedade em que os poucos que detêm o poder institucional dominam, manipulam e mantêm subjugada a grande massa. Apresentando essa imagem ao leitor brasileiro, o texto fonsequiano coloca em xeque os valores da sociedade, perturbando sua ordem, em um movimento similar ao realizado pelo personagem José no conto.

No texto, a realidade de opressão vivenciada diariamente pelos internos leva José, Pharoux e Cortines a planejarem uma revolta, a fim de expor sua insatisfação com as condições que lhes tinham sido impostas e conseguir mudar sua situação: “Eu sei o que fazer, diz Pharoux. Um motim. Nós aqui não passamos de prisioneiros, e os prisioneiros quando querem melhorar as coisas para eles se amotinam, arranjam alguns reféns e botam a boca no mundo” (FONSECA, 1994, p. 566). A revolução encabeçada por José, Pharoux e Cortines culmina na invasão do apartamento do Diretor. Retribuindo a violência sofrida ao longo dos meses no Lar, os três personagens rendem o dirigente da instituição e sua mulher, todavia, a partir daí, os interesses dos personagens se diversificam, pois, por um momento, os três se esquecem dos objetivos da revolta (trazer melhorias para a coletividade), voltando-se para o prazer individual. Diante da fartura de alimentos encontrada na cozinha, Pharoux e Cortines buscam satisfazer-se, pilhando a geladeira, ao passo que, em José, afloram instintos sexuais e um grande cansaço:

Agora comem ovos e bebem cerveja. A coisa que os velhos mais gostam é comer. E Pharoux e Cortines estão felizes e satisfeitos como se o objetivo do nosso motim fosse comer ovos com presunto. [...] Como apenas um pedaço de pão. Gostaria de passar a mão no corpo da mulher, mas ela certamente sentiria repugnância e isso acabaria com o meu prazer.

Começo a sentir um cansaço muito grande. Deito-me no sofá da sala... Acho que posso dormir um pouco, as negociações talvez se arrastem... Tenho que vigiar Pharoux para que ele não faça nenhuma tolice, ele é muito violento... Acho que estamos iniciando uma revolução... mas é preciso que o nosso gesto saia desta torre e faça os outros pensarem... Meu Deus! Como estou cansado... Antes de dormir tenho que falar com Pharoux e Cortines. Eles estão na cozinha, comendo ruidosamente, temos que traçar os nossos planos... (FONSECA, 1994, p. 568)

Ao fim e ao cabo, o texto deixa em suspenso o desfecho da revolução, evidenciando apenas que, ao menos naquele momento, os personagens não concluem o projeto inicial de protestar por melhorias para os moradores do Lar, contentando-se em satisfazer seus desejos e necessidades mais primitivos. Esse individualismo dos personagens, ao final da narrativa, pode ser enxergado como um reflexo do sistema social que tenta excluí-los: subjogados pelos que mantêm o poder, os personagens requerem mudanças; contudo, alcançando o mínimo que lhes era negado, regalam-se ao saciar apenas seus desejos individuais. O desfecho da narrativa, apresentando os personagens rendidos aos valores da ordem contra a qual lutavam, reitera o caráter opressor desse sistema e seu poderio sobre os indivíduos.

### **Considerações finais**

A obra de Rubem Fonseca, com frequência, encena um ambiente urbano conturbado, marcado pela segregação humana, aspecto claramente observado no conto “Onze de Maio”. Nessa narrativa, a televisão configura-se como veículo de comunicação alienante, possibilitando a dominação e o controle social por parte de uma instituição representante do Estado.

Ao retratar a situação subjugada dos internos do Lar, a narrativa gera um movimento contra a opressão e o autoritarismo, as instituições tirânicas e as imposições. Nessa medida, é possível pensar em Rubem Fonseca como um autor engajado, no sentido que Sartre dá ao termo, uma vez que, com sua literatura, o escritor confere à sociedade a possibilidade de se repensar, de tomar consciência de si mesma. Acerca do contexto no qual vivemos, o próprio Rubem Fonseca afirma, em entrevista:

Tenho a impressão de que estamos todos meio perdidos, atordoados. Às vezes me pego dando risada com a idéia blasfema de que Deus, ao fabricar o homem, pegou o barro do vaso errado. Brincadeiras à parte, o escritor sempre trabalha com os materiais de sua época, mesmo quando fala do passado ou do futuro. E o nosso mundo é excessivamente violento, vulgar, feroz até a banalidade. Mas eu nunca quis fazer apologia da violência ou do kitsch. Isso é bobagem de crítico obtuso. O que mais me interessa é explorar como esses elementos podem ser processados pela ficção, a possibilidade de transfigurá-los, de ampliá-los a tal ponto que já não seja mais possível observá-los pacificamente: em lugar da imagem “realista” ou “hiper-realista” – como muitos críticos me classificaram –, apenas o granulado da foto. (DIAS, 2004, s./p.)

Processando e ampliando em sua ficção os elementos de nosso mundo, “os materiais de sua época”, Rubem Fonseca mostra consciência de seu engajamento, incluindo-se em seu momento histórico de maneira sensível às questões do homem contemporâneo. Nessa medida, sua obra engendra reflexões no que se refere à forma como se configura a sociedade na e para a qual escreve, tematizando o alto grau de segregação humana, de manipulação de massas e os conflitos decorrentes dessas questões no contexto urbano. Essa ação provoca um desconforto no leitor, negando a ele a possibilidade de entrar em contato com o texto ficcional pacificamente, de modo isento. Convida-se, portanto, a sociedade a assumir-se ou transformar-se.

## Referências

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p. 99-138.

BAUDRILLARD, Jean. *Para uma crítica da economia política do signo*. São Paulo: Martins Fontes, 1972.

DIAS, Maurício Santana. *A onipresença da decomposição: Rubem Fonseca explica sua obsessão pelo grotesco e conta detalhes do novo romance*. Abr. 2004. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2504200410.htm>. Acesso em: 31 de maio de 2016.

FONSECA, Rubem. *Contos reunidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

GOMES, Renato Cordeiro. Modernização e controle social – planejamento, muro e controle espacial. In MIRANDA, Wander Melo (Org.) *Narrativas da modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 199-213.

SARTRE, Jean-Paul. Para quem se escreve?. In SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 2004. p. 55-124.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. Breve mapeamento das últimas gerações. In SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 21-51.

VIDAL, Ariovaldo José. *Roteiro para um narrador: uma leitura dos contos de Rubem Fonseca*. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 2000.

### **“ONZE DE MAIO”: MANIPULATION AND CONTROL OF MASSES IN A ENGAGED WRITING OF RUBEM FONSECA**

#### **ABSTRACT**

The tale “Onze de Maio”, by Rubem Fonseca, shows the life of elderly people in a care institution, the *Lar Onze de Maio*. The story exposes the privations to which the elderly were submitted in the nursing home, conflicting situation that triggers a riot led by the first-person narrator José. Considering the theme of the narrative - the control and manipulation of masses in a scenario of oppression - this paper intends to analyze the Fonseca’s story, conceiving it as an engaged literature, based on the theoretical reference from Jean-Paul Sartre (2004). Also useful are the theoretical contributions of Jean Baudrillard (1972) and Theodor Adorno and Max Horkheimer (1985) on the mass media.

**Keywords:** Contemporary Brazilian Narrative (Rubem Fonseca). Engaged Literature. Manipulation and control of masses.

**Envio: Maio/ 2017**

**Aceito para publicação: Junho/2017**